

## A identidade feminina na maturidade: o gênero carta ao leitor nas revistas femininas

Fátima Andréia Tamanini-Adames<sup>1</sup>, Vera Lúcia Pires<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Mestranda - Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

<sup>2</sup>Profª. Dra. - Programa de Pós Graduação em Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

[f.andreia@yahoo.com.br](mailto:f.andreia@yahoo.com.br), [vera.pires@terra.com.br](mailto:vera.pires@terra.com.br)

**Resumo.** *No século XIX, a menopausa marcava o término da feminilidade. Hoje, a mulher madura exerce sua sexualidade, trabalha e consome, mas parece estar ainda presa a um padrão de beleza estereotipado. Em consequência, a identidade da “vovó” não é mais a mesma, e o mercado editorial está atento. O gênero carta ao leitor de revistas femininas, o qual serve como uma síntese da opinião institucional e uma introdução às matérias principais, é um bom representante para a verificação de como este referencial do gênero feminino está em processo de mudança. O princípio dialógico de Bakhtin e a análise crítica do discurso, através do sistema da transitividade, oportunizam o estudo do discurso da mídia e da construção de identidades, ou seja, o processo de mudança do imaginário social da identidade feminina na maturidade a partir de referentes reais.*

**Abstract.** *In the XIX century menopause meant the end of womanliness. Nowadays mature woman performs her sexuality, works and spends, but seems to be connected to same beauty stereotypes. Consequently grandmother's identity is not the same, and media is care about this. Women magazines' editorial genre, that is a summary of the institucional opinion as well as an introduction to the main subjects, is a good sample to identify how much gender is changing. Bakhtin's dialogic principle and critical discourse analysis, through transitivity, aid to development of media discourse and identities construction, that is, the mature female identity.*

**Palavras-chave:** análise crítica do discurso; transitividade; gênero cultural; gênero discursivo

### 1. Introdução

No século XX, a mulher começou a freqüentar universidades, trabalhar e ter controle da própria fertilidade. Entretanto, ainda há discriminações. As estatísticas indicam que seu salário é menor do que dos homens, ocupa poucos cargos na política e o apelo sexual e a violência marcam negativamente o universo feminino. Na mídia, a juventude, a beleza e o

sexo nunca estiveram tão em evidência, “ficar velha e feia” é algo que deve ser evitado. Em consequência, a identidade da “vovó” não é mais a mesma. O imaginário social de nossa cultura está mudando.

Michelle Perrot (2006, p. 48) lembra como a vida da mulher durava pouco até o século XIX: a menopausa marcava o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade. Diante disso, o que dizer da identidade dessa atual mulher na maturidade? A indústria do consumo já está se fazendo essa pergunta há algum tempo. E o mercado editorial está atento.

Segundo Knoll (2007, p. 32), a análise crítica do discurso oportuniza a análise de fenômenos lingüísticos relacionados ao discurso da mídia, à constituição de identidades, ao discurso de gênero e aos demais conflitos de poder. A tipificação de enunciados em gêneros ocorre na relativa estabilização de interações em determinadas esferas sociais de comunicação. Estas, por sua vez, constituídas por um sistema de normas sociais, legitimam sócio-historicamente os enunciados, constituindo formas relativamente padronizadas de situações de interação, acarretando a produção e circulação de gêneros.

Um gênero discursivo está sempre ligado a uma situação no mundo social, de acordo com Clot (Brait, 2006, p. 223). E quem tem o poder de representar, no caso o discurso midiático, tem o poder de definir e determinar a identidade, de acordo com Silva (2000, p. 91). O discurso, sugere Fairclough (2001, p. 91), contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes. O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado. Analisando enunciados oriundos da mídia, podemos verificar a presença dessa nova mulher madura e observar até que ponto o referencial de gênero está mudando.

O editorial ou carta ao leitor é o gênero escolhido neste estudo, pois, de acordo com Souza (2006, p. 21), possui uma base argumentativa, apresenta-se de forma diversificada, o que pode oferecer modos diferentes de argumentação, e mostra, não o ponto de vista de alguém, de uma só pessoa, como os artigos de opinião, mas o ponto de vista de uma instituição, seja ela revista ou jornal, com públicos e propósitos distintos.

A lingüística sistêmico-funcional é utilizada como instrumento de análise na análise crítica do discurso, diz Meurer (Meurer, Bonini & Motta-Roth, 2007, p. 84). “A transitividade do verbo é fundamental para as necessidades expressivas dos usuários, no tocante à veiculação da experiência no texto escrito e construção do efeito de sentido pretendido. A transitividade organiza o conteúdo informacional nos gêneros textuais, visto que as estruturas transitivas cumprem funções comunicativas na linguagem” (Souza, 2006, p. 21).

Desse modo, como essa mudança no referencial de gênero feminino na maturidade está marcada via linguagem midiática? Investigando o sistema de transitividade em função dos processos envolvidos, entendemos a construção da opinião do editorial, o qual, segundo Souza (idem, p.22) tem o propósito de atuar sobre o leitor, influenciando pontos de vista.

A presente pesquisa integra o GT do PPGLetras “Estudo de gêneros nos discursos do cotidiano” da Universidade Federal de Santa Maria, e encontra-se em andamento. Por este motivo, apresentamos apenas uma análise inicial de um corpus composto por apenas um representante do gênero carta ao leitor de uma revista dedicada à mulher, combinando a análise crítica de discurso com o princípio dialógico de Bakhtin, precursor das teorias de discurso e referência fundamental para sua análise crítica.

## 2. Conhecimento teórico

O mundo retratado nas revistas femininas diz respeito mais especificamente à esfera privada, de ordem pessoal e afetiva e, embora sejam dirigidas a mulheres em geral, as revistas são geralmente endereçadas às mulheres brancas, heterossexuais e da classe média, constata Heberle (1999)<sup>1</sup>. Esse fato é facilmente comprovado com uma rápida olhada apenas nos modelos e matérias expostas nas capas dessas revistas no país, evidenciando uma linguagem ainda presa ao estereótipo exigido pelo mundo masculino.

*The larger issue is the failure of a masculinized or rationalized public language (what Bakhtin would call the authoritative voice) that is split off in cultural representations from the private voice (Bakhtin's internally persuasive language). A feminist dialogics would bring these two languages together in dialogue. (Bauer & McKinstry, 1991, p. 2)<sup>2</sup>*

Heberle (1999)<sup>3</sup> mostra que um gênero discursivo específico das revistas femininas é o editorial, também denominado carta ao leitor, coluna ou coluna introdutória da editora, ou, ainda, diário da redação. Trata-se de um texto promocional que funciona como um cartão de visitas, uma introdução à edição, uma saudação da editora, um bate-papo com as leitoras sobre assuntos da edição. Serve como uma propaganda geral da edição da revista e uma síntese das matérias principais e pode ser classificado como um texto exortativo de curta extensão (no máximo uma página inteira) que vem disfarçado de texto informativo, conclui Heberle (idem). O editorial, pois, afigura-se como um espaço de contradições. Sua vocação é a de apreender e conciliar os diferentes interesses que perpassam sua operação cotidiana, segundo Souza (2006, p.61).

*Os editoriais têm como característica a vinculação aos acontecimentos sócio-históricos do momento, aqueles que estão na ordem dia, ou seja, em evidência naquele momento histórico, em uma dada comunidade, seja municipal, regional ou nacional. Ou aqueles que representam os interesses da revista naquele momento. (ibidem, idem, p. 63)*

Sendo assim, a mulher, cuja condição histórica se vê drasticamente em mudança há pelo menos quarenta anos, está sendo representada de maneira a espelhar sua atual e real condição?

Partimos do princípio dialógico de Bakhtin, de que “todo enunciado é dialógico, que todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado” (Fiorin, 2006, p. 24) e também da análise crítica do discurso, a fim de verificar o processo de mudança do imaginário social a partir de referentes reais, no caso, da identidade da nova mulher madura. A análise crítica do discurso visa a integrar o estudo da linguagem com a teoria social, propondo um modelo de análise lingüística que favoreça o estudo de

---

<sup>1</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

<sup>2</sup> O maior debate é a falência de uma linguagem pública masculinizada ou racionalizada (que Bakhtin chamaria “voz autoritária”) que é rompida nas representações culturais da linguagem privada (que Bakhtin chamaria “voz interna persuasiva”). Um dialogismo feminista traria essas duas linguagens juntas ao diálogo (tradução da autora).

<sup>3</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

processos sociais e culturais, sustenta Knoll (2007, p. 17). Na carta ao leitor, a posição da editora está manifesta nas suas escolhas lexicais, refletindo a opinião da instituição bem como daquele momento sociocultural sentido por ela e seu público-alvo, no caso, as leitoras.

*Choices in language affect not only the meaning which is conveyed, but also the impression of the writer which is conveyed, including the sort of relationship the writer wants to set up with the reader. (Ivanic & Simpson, 1992, p. 144)<sup>4</sup>*

Para Heberle (1999)<sup>5</sup>, na análise crítica do discurso, a transitividade tornou-se um instrumento lingüístico importante para a interpretação de aspectos ideológicos, socioculturais ou estilísticos. As idéias da análise crítica do discurso sobre a transitividade estão subjacentes à interpretação dos dados selecionados à luz das categorias da lingüística sistêmico-funcional, no que diz respeito à elucidação de alguns sentidos gerados a partir das ocorrências dos tipos de processo de transitividade.

### 3. Metodologia

Para a análise de textos midiáticos, a concepção bakhtiniana parece ser a mais adequada, pois a flexibilidade de sua teoria permite a adequação e a transposição de seus fundamentos sobre a organização genérica às obras deste tempo, especialmente, aos textos midiáticos contemporâneos, diz Pinheiro (Meurer & Motta-Roth, 2002, p. 267).

O enunciado objetiva a reação-resposta ativa (imediate ou não, verbal ou não, exterior ou interior [discurso interior]) daquele a quem é destinado e constrói-se em função dessa eventual reação-resposta, de acordo com Rodrigues (Meurer, Bonini & Motta-Roth, 2007, p. 160).

Na análise crítica do discurso, a qual é descritiva, interpretativa e explicativa, a análise do texto privilegia a descrição dos aspectos relevantes do léxico, das opções gramaticais, da coesão ou estrutura do texto; a análise da prática discursiva busca a interpretação do texto; e a análise da prática social busca a explicação para o evento discursivo, de acordo com Meurer (Meurer, Bonini & Motta-Roth, 2007, p. 83).

Seguindo o mesmo percurso de Heberle (1999)<sup>6</sup>, tomamos como parâmetros apenas quatro processos<sup>7</sup> que, entre outros, esta considera significativos na análise de editoriais de revistas femininas: materiais, mentais, verbais e relacionais (PMA, PME, PVE e PRE, respectivamente).

*Os processos materiais dizem respeito a verbos de ação, ao mundo físico, como, por exemplo, agir, telefonar, ou fazer compras. Os processos mentais referem-se a verbos de cognição e percepção (como pensar e compreender) e de sentimentos (como sentir, desejar ou amar), ao mundo da consciência. Os processos verbais, por sua vez, são realizados por verbos que indicam fala, como questionar, dizer, reclamar, e os processos relacionais são representados por*

---

<sup>4</sup> As escolhas na linguagem afetam não apenas o significado transmitido, mas também a impressão do escritor, incluindo a relação que este deseja estabelecer com o leitor (tradução da autora).

<sup>5</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

<sup>6</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

<sup>7</sup> Segundo Cunha & Souza (2007, p. 54) há seis tipos de processos na lingüística sistêmico-funcional: além dos quatro citados, há também os processos de transitividade existencial e comportamental.

*verbos de ligação que estabelecem atributos, identificação e/ou posse entre duas entidades, como possuir, ser e estar. (ibidem, idem)<sup>8</sup>*

## 4. Análise

O corpus é composto de um representante do gênero discursivo carta ao leitor, proveniente da última edição especial da revista Veja, chamada Veja Mulher, do ano de 2008, e intitulada “O dia-a-dia do poder”.

### 4.1. Análise macroestrutural

Transcrição do exemplar de texto do gênero discursivo carta ao leitor da edição especial da revista Veja – Veja Mulher (2008)<sup>9</sup>:

(t) O dia-a-dia do poder

(01) **A luta política** *lhe deu* espaço na vida pública e no mercado de trabalho. (PMA)

(02) **A medicina** *aumentou* seu controle sobre o próprio corpo. (PMA)

(03) Engajada em batalhas culturais, ela pôde expressar melhor sua sexualidade.<sup>10</sup>

(04) Ao longo do último século, **a mulher** *conquistou* o poder nos mais diferentes sentidos. (PMA)

(05) Mas descobrir como exercê-lo, **tomar as decisões certas no momento certo**, *é um desafio a ser vivido no presente*, dia após dia. (PRE)

(06) **Esta edição especial de VEJA** *trata desses bons dilemas femininos*, traduzidos pela liberdade e pela autonomia. (PMA)

(07) A ciência propicia **adiar a primeira gravidez até perto dos 40 anos** – mas *será a melhor escolha?* (PRE)

(08) **Esse é o tema de uma reportagem.** (PRE)

(09) Noutro artigo, **executivas que alcançaram os mais altos postos** *falam sobre as escolhas e sacrifícios necessários para chegar ao topo e permanecer lá.* (PVE)

(10) E aquelas dúvidas transcendentais que assombram a mulher diante do guarda-roupa são contempladas num ensaio sobre como dar um toque provocante ao tailleur ou ao “terninho”.<sup>11</sup>

(11) **Uma equipe enxuta mas afiada**, encabeçada pela editora Isabela Boscov, *deu vida às páginas que se seguem.* (PMA)

(12) Neste ano em que VEJA completa quarenta anos, **uma seção extra** (que se repetirá em outras edições especiais nos próximos meses) *mostra como mudanças na condição feminina foram registradas e analisadas pela revista.* (PVE)

(13) Boa leitura.

Há, nessa carta ao leitor, um predomínio dos processos materiais, os quais se prestam a descrever ações e fatos para expressar uma opinião. A transitividade representa aqui o mundo das experiências do mundo, o mundo da instituição em questão, a qual procura a adesão das leitoras para a tese defendida no título (t), que se refere a uma mulher

<sup>8</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

<sup>9</sup> Para fins de análise, o título (t) e as sentenças foram colocados cada um em uma linha diferente, mas na seqüência original; em negrito está o sujeito da oração, sublinhado está o verbo transitivo, e em itálico está o complemento verbal; o tipo de processo aparece no parêntese no final de cada oração selecionada.

<sup>10</sup> Processo não citado por não estar entre os quatro selecionados nesta análise.

<sup>11</sup> Processo não citado por não estar entre os quatro selecionados nesta análise.

poderosa. Para tanto, a editora faz uso de oito processos materiais, três processos relacionais, dois processos verbais e um processo mental.

Nas primeiras quatro linhas observa-se uma mulher que já conseguiu inserção em áreas outrora masculinas, como cargos elevados no mercado de trabalho e na política, e que exerce mais livremente sua sexualidade desde o advento dos anticoncepcionais e, mais, que já ocupa posições de poder (três das orações têm processos materiais). Ora, esta mulher que alcança algum tipo de poder e influência certamente não é tão jovem, pois isto requer tempo de qualificação. Entretanto, as linha 5, 6 e 7 lembram que a condição feminina ainda está presa a valores pré-feministas, tais como administrar essa autonomia e essa liberdade conquistadas (l. 6), chamados “bons dilemas”. É uma mulher que, para alcançar sucesso público, talvez tenha que adiar o sucesso privado, ou seja, a geração de filhos. Novamente observa-se que a mulher poderosa não é uma jovem, pois pode ter de evitar filhos até perto dos 40 anos (l. 7) em prol da ascensão profissional. Depois, a editora vale-se de um processo verbal para chamar “executivas que alcançaram os mais altos cargos” a falar às leitoras de seus próprios dilemas (l. 9). De novo, mulheres experientes de outra faixa etária. Mas, mesmo sendo uma mulher poderosa, opinião reiterada no final por um processo verbal (l. 12), esta ainda tem as mesmas dúvidas sobre a aparência física que tinham suas mães e avós (l. 10).

## 4.2. Análise dos processos de transitividade

### 4.2.1. Processos materiais

Os processos materiais referem-se a ações da prática cotidiana, planos de ação e acontecimento. Segundo Souza (2006, p. 11), são processos responsáveis por fazer ou agir, criar ou mudar, acontecer ou ser criado.

Neste texto, os processos materiais foram relevantes por representarem a maioria. A editora enfatiza as mudanças na condição feminina, mas, em uma única oração com esse processo, há uma contradição à tese proposta: a mulher ainda tem dúvidas sobre o que vestir, importando a aparência física feminina, como desde sempre.

Cinco ocorrências:

- (01) **A luta política** *lhe deu* espaço na vida pública e no mercado de trabalho. (PMA)
- (02) **A medicina aumentou** seu controle sobre o próprio corpo. (PMA)
- (04) Ao longo do último século, **a mulher conquistou** o poder nos mais diferentes sentidos. (PMA)
- (06) **Esta edição especial de VEJA trata** desses bons dilemas femininos, traduzidos pela liberdade e pela autonomia. (PMA)
- (11) **Uma equipe enxuta mas afiada**, encabeçada pela editora Isabela Boscov, *deu vida* às páginas que se seguem. (PMA)

### 4.2.2. Processos mentais

Nos processos mentais, a editora procura se solidarizar com as leitoras. Souza (2006, p. 131) cita Heberle (1997) ao relatar que os processos mentais lidam com a apreciação humana do mundo e pela sua análise é possível identificar que crenças, valores e desejos estão representados nos editoriais. Expressam as experiências do “sentir”, como a percepção, a cognição e a afeição. Souza (idem, p. 133) observa que o processo mental se revela como uma escolha no sistema paradigmático da língua para expor vontades dos

participantes envolvidos, fazendo parte, por conseguinte, da cadeia argumentativa dos editoriais. “Utilizado dessa maneira nos editoriais, atipicamente, diferente do uso na conversa espontânea, o processo mental é um contraponto ao mundo concreto construído pelos processos materiais” (ibidem, idem, p. 262).

Há um único “indício” de processo mental no exemplar, convidando as leitoras a ler a revista em questão:

( 13) Boa leitura. (PME)

#### 4.2.3. Processos verbais

Os processos verbais, como bem o lembra Heberle (1999)<sup>12</sup>, servem como fórum de discussão para problemas e desejos das mulheres nesses editoriais de revistas femininas e também como veículo de comunicação entre instituição jornalística e leitor. Processos verbais, diz Souza (2006, p. 156) são aqueles que expressam formas de dizer ou constroem o dizer, sendo, portanto, processos de comunicação. Não é tão acentuada a presença dos processos verbais nos editoriais, observa Souza (idem, p. 160-161), fazendo parte do jogo argumentativo, em contextos variados.

*Os processos verbais têm presença garantida quando os editorialistas julgam necessários trazer para a argumentação o discurso de outrem, uma voz de autoridade que vai conferir aos seus comentários uma força maior, ampliando o valor de verdade. Esses processos não são empregados freqüentemente, mas sempre que são usados nos editoriais ratificam, esclarecem, explicam fatos ou situações, desempenhando, pois, um papel imprescindível na cadeia argumentativa. Por esse motivo, a opinião contida nos editoriais não prescinde dessa maneira de ‘representar as experiências’ do mundo, e os processos verbais, por assim dizer, representam um modo de argumentar com largo poder de persuasão. (ibidem, idem, p. 262-263)*

Nesta carta ao leitor, os processos verbais encontrados são necessários para a argumentação da tese de que muitas mulheres já ocupam posições de poder, servindo como exemplos ou vozes que corroboram a idéia do título.

Duas ocorrências:

(09) Noutro artigo, **executivas que alcançaram os mais altos postos falam sobre as escolhas e sacrifícios necessários para chegar ao topo e permanecer lá.** (PVE)

(12) Neste ano em que VEJA completa quarenta anos, **uma seção extra** (que se repetirá em outras edições especiais nos próximos meses) mostra como mudanças na condição feminina foram registradas e analisadas pela revista. (PVE)

#### 4.2.4. Processos relacionais

“Nos processos relacionais um fragmento está relacionado a outro, contribuindo para reforçar estereótipos” (Heberle, 1999)<sup>13</sup>. De acordo com Souza (2006, p. 136), orações relacionais servem para definir, caracterizar e identificar, atribuindo qualidades, posse ou circunstâncias, e assim construir as experiências do mundo e as experiências de nossa

---

<sup>12</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

<sup>13</sup> Versão do texto disponível na *Internet*, sem numeração de páginas.

consciência. ‘Ser’ e ‘estar’ são os processos relacionais prototípicos, segundo Souza (idem, p. 137).

*Esse tipo de processo é recorrente nos editoriais porque expressa visões particulares de mundo, tornando-se recurso valioso na formação do ponto de vista exposto. Os relacionais como o verbo ‘ser’ parecem exercer uma forte influência no leitor, já que são os responsáveis por emoldurar fatos, impondo ao receptor do texto ‘aquele modo de ver’ esses fatos. (ibidem, idem, p. 139)*

Os processos relacionais classificam e definem entidades materialmente construídas; essa capacidade se transforma, nos editoriais, em fortes recursos argumentativos, de importância ímpar na construção da opinião institucional, conclui Souza (idem, p. 262). A mulher desse editorial, que conquistou o poder, não é tão poderosa assim, pois se vê diante dos desafios de descobrir como exercer esse mesmo poder, e também de saber se valeu a pena escolher a profissão em detrimento da vida familiar. Eis que ainda prevalece o estereótipo mulher/mãe/esposa.

Três ocorrências:

(05) Mas descobrir como exercê-lo, **tomar as decisões certas no momento certo**, é um desafio a ser vivido no presente, dia após dia. (PRE)

(07) A ciência propicia **adiar a primeira gravidez até perto dos 40 anos** – mas será a melhor escolha? (PRE).

(08) **Esse é o tema de uma reportagem.** (PRE)

## 5. Considerações finais

A análise crítica do discurso, através do sistema de transitividade, neste exemplar do gênero carta ao leitor, permite concluir que esta análise contribui para a construção do seu sentido. Neste estudo, os achados quantitativos foram parecidos com os de Souza (2006).

*Os processos materiais são os mais usados, depois dos relacionais, corroborando evidências anteriores de que a opinião se materializa pela representação de fatos do mundo e pela classificação e definição desses fatos, função dos materiais e relacionais respectivamente. De uso relativamente baixo, são os processos mentais, presentes esporadicamente quando se faz necessário tratar do mundo da consciência. Os verbais cumprem a importante função de ratificar certos pontos de vistas emitidos, porque trazem para o texto uma voz externa imbuída de autoridade para tal. (ibidem, idem, p. 224)*

“Na realidade não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida” (Bakhtin, 1999, p. 95). Assim, toda a enunciação está impregnada de conteúdo ideológico. E todo enunciado cria o novo, mas só o pode fazer a partir do já existente, sob pena de não ser compreendido, segundo Sobral (Brait, 2005, p. 25). Dessa maneira, quarenta anos pós-revolução feminista é muito pouco tempo para que se fale somente “de” e “para” essas mulheres novas, mesmo porque a mudança acontece em ritmos diferentes com cada uma delas.

A última edição da revista Veja mulher fala também àquelas mulheres de mais idade que, neste ano de 2008, já ocupam cargos importantes e outrora masculinos. Mas, embora



o texto reconheça a grande mudança na condição feminina, decorrida principalmente nos últimos quarenta anos, fato observado desde o título “O dia-a-dia do poder”, o qual refere-se a uma mulher poderosa, independente e muitas vezes de uma faixa etária mais alta, a editora não consegue ainda se libertar de um discurso estereotipado pré-feminista, o qual parece combater desde o título, como a exigência de um padrão de beleza feminino estabelecido, a maternidade, e a insegurança em assumir cargos de responsabilidade e influência. Para Fiorin (2006, p. 25), se a sociedade é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os enunciados são sempre espaço de luta entre vozes sociais, o que significa que são inevitavelmente o lugar da contradição.

Neste estudo, a análise crítica de discurso e o princípio dialógico de Bakhtin se mostraram recursos eficientes para evidenciar a contradição entre a identidade nova – mulher autônoma e livre, e a identidade velha – mulher símbolo de fragilidade diante do ainda dominante gênero masculino. Entretanto, seria necessário analisar muitos outros exemplares deste gênero discursivo para comprovar esta afirmação, principalmente referindo-se à identidade da mulher na maturidade.

## 6. Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 9ª ed. São Paulo, SP: Hucitec, 1999.

BAUER, D. M. & MCKINSTRY, S. J. (ed.) *Feminism, Bakhtin, and the Dialogic*. Albany, USA: State University of New York Press, 1991.

CLOT, Y. *Psicologia*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

CUNHA, M. A. Z. & SOUZA, M. M. *Transitividade e seus contextos de uso*. Rio de Janeiro, R. J.: Lucena, 2007.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e mudança social*. Brasília, DF: Editora UnB, 2001.

FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo, SP: Ática, 2006.

HEBERLE, V. *A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres*. **Discurso y Sociedad**, Barcelona, ESP, v.1 (3), p 73-86, set. 1999. Disponível em: < <http://www.leffa.pro.br/textos/Heberle.pdf>> Acesso em: 24 de junho de 2008.

IVANIC, R. & SIMPSON, J. *Who is who in academic writing?* In: FAIRCLOUGH, N. (ed.). *Critical language awareness*. New York, USA: Longman, 1992.

KNOLL, G. F. *Relações de gênero na publicidade: palavras e imagens constituindo identidades*. 2007. 136f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2007.

MEURER, J. L. *Gêneros textuais na análise crítica de Fairclough*. In: MEURER, J. L., BONINI, A., MOTTA-ROTH, D. (Org.) *Gêneros: teorias, métodos e debates*. 2ª ed. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo, SP: Contexto, 2006.

PINHEIRO, N. F. *A noção de gênero para análise de textos midiáticos*. In: MEURER, J. L. & MOTTA-ROTH, D. (org.). *Gêneros textuais*. Bauru, SP: Edusc, 2002.

**Revista Veja Mulher**, edição especial, maio de 2008.

RODRIGUES, R. H. *Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem de Bakhtin*. In: MEURER, J. L., BONINI, A. & MOTTA-ROTH, D. *Gêneros: teorias, métodos, debates*. 2ª ed. São Paulo, SP: Parábola, 2007.

SILVA, T. T. *A produção social da identidade e da diferença*. In: SILVA, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SOBRAL, A. *Ato/atividade e evento*. In: BRAIT, B. (org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

SOUZA, M. M. *Transitividade e construção de sentido no gênero editorial*. 2006. 418f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.